

- Oiticica, Hélio (1967). Catálogo: *Nova Objetividade Brasileira*. Rio de Janeiro: MAM- RJ.
- QG do GIA (2008/09). [Consult. 2009-12-07] Fotografia. Disponível em <URL: <http://www.qgdogia.blogspot.com/>>
- QG do Pelô (2009). [Consult. 2009-12-08] Fotografia. Disponível em <URL: <http://qgdopelo.blogspot.com/>>

3.57 Marepe e a poesia cotidiana dos fatos

Priscila Valente Lolata *

Abstract. *This article brings to light some of the sources of stimulation behind the creation of Brazilian artist Marepe. His unique perception of informal workers generates works of contemporary art with a particular, complex, and simple poetics of the quotidian, works that are recognized around the world.*

Key words: *Marepe, Brazilian contemporary art, poetics of the quotidian.*

Resumo. *Este artigo deixa em evidência alguns dos estímulos da criação do artista brasileiro Marepe. Seu olhar diferenciado para a simplicidade do trabalhador informal gera trabalhos de arte contemporânea com uma poética singular e complexa sobre o cotidiano.*

Palavras chave: *Marepe, arte contemporânea brasileira, poética do cotidiano.*

Introdução

Esta comunicação visa analisar algumas das poéticas que fazem parte da criação artística de Marepe, artista brasileiro contemporâneo que nasceu em 1970 numa pequena cidade do interior da Bahia. Marepe é hoje um dos artistas nacionais mais renomados de sua geração. Ainda morando em Santo Antônio de Jesus, sua cidade natal, tem tido seu trabalho reconhecido e participa, cada vez mais, de importantes eventos de arte do mundo, como a 50ª Bienal de Veneza e a 25ª e 27ª Bienal de São Paulo, além de expor em centros de arte e galerias de grande representatividade internacional como: Centro Georges Pompidou (França), Museu Reina Sofia (Espanha), Tate Modern Gallery (Inglaterra), Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (Portugal), o MoMA (Estados Unidos) e Museu de Arte Moderna de São Paulo (Brasil).

Pretende-se nesta comunicação aprofundar o olhar pelo universo de Marepe, que é pautado por objetos simples do cotidiano de sua cidade, como, também, compreender a complexidade das formulações conceituais que envolvem sua produção. Para uma visão mais ampla desse universo corriqueiro e da singularidade do artista, vamos recorrer às observações da crítica de arte Lisete Lagnado e à fenomenologia de Merleau-Ponty.

* Brasil, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo e mestre em História da Arte (UFBA). Pesquisa atualmente intervenção artística na cidade contemporânea e atua como artista, curadora independente e crítica de arte.

1. O cotidiano como referência

As condições que possibilitaram Marepe trilhar o caminho da diversidade de linguagens e materiais encontrados em seus trabalhos são diversas. Muito de sua prática vem de sua própria vivência, sua relação com o mundo. Cedo, percebeu que a arte poderia ser para o outro, o espectador, algo a mais que uma experiência retiniana nos moldes convencionais. Segundo o artista, ele produz pensando no público e, nesse contexto, não diferencia o sujeito iniciado em arte do não iniciado e o adulto da criança. O público para ele é um ser sensível potencialmente, capaz de fazer fluir a poética da obra.

Com necessidade de estar próximo de seus objetos de estudos, Marepe sempre parece permear a atenção para os menos privilegiados financeiramente e remete-se ao popular sem uma conotação assistencialista. Ele realiza uma troca, ou melhor, uma diluição da arte no cotidiano e do cotidiano na arte.

Em uma análise geral das características do trabalho de Marepe, observa-se que a relação com a sua cidade é quase uma constante, o que termina remetendo-nos a hábitos e tradições de qualquer cidade do Recôncavo baiano, com temas de alcance universal. Seu olhar diferenciado para o universo dos trabalhadores informais, - aqueles que não têm direitos trabalhistas, como os vendedores ambulantes (o camelô, o pintor de publicidade em muros, a lavadeira de roupas, entre outros) também é freqüente. Isso gera no público uma perspectiva multifacetada daquela forma de subsistência que foi capturada e deslocada do seu contexto sem perder a essência. Marepe, através de seu trabalho, expande o cotidiano que ele vivência sintonizando-o com uma esfera universal, humana de qualquer cidade grande ou pequena. A poética de um cotidiano com coisas simples, com trabalhos informais, às vezes até considerados menores, é valorizado pelo artista como se ele estivesse realizando um trabalho de memória, antropológico. O fazer manual, a labuta para adquirir o material de produção, as relações interpessoais imprescindíveis para o trabalho ser realizado e comercializado, é o universo desses trabalhadores onde o próprio artista pode ser reconhecido.



Figura 1. Intervenção artística *Palmeira Doce*, de Marepe, realizada na cidade de Santo Antonio de Jesus, Bahia (2001). Foto: Marcondes Dourado (2001)

2. A simplicidade metafórica e a complexidade histórica

A proposta “Palmeira Doce” (Figura 1) como uma metáfora é simples: muitos algodões doces coloridos fixados ao redor do caule de uma Palmeira Imperial, localizada no centro da cidade de Santo Antônio de Jesus. Essa instalação é uma referência ao vendedor de algodão doce que pendura, em um cabo de vassoura, sacos com a guloseima para apresentar e comercializar o produto. A *performance*/instalação foi realizada com a cooperação de um vendedor ambulante que vive da produção e venda de algodão doce.

A intervenção “Palmeira Doce” traz implícito em seus materiais a comunhão entre aquilo que o trabalho apresenta como composição lúdica e um significado relacionado ao material, à região e à história – o algodão doce, feito a partir do açúcar, principal produto produzido durante a colonização do Brasil nos séculos XVI e XVII; a Bahia, especificamente, o Recôncavo baiano, uma região importante para esta etapa da história do país e as palmeiras imperiais trazidas de Portugal como símbolo, expresso no nome, de um “império”. Com essa mistura de contrastes de poder e fortuna com popular e barato, o trabalho de Marepe convida o espectador a um retorno às bases culturais da história brasileira.

3. Do *ready made* ao *nécessaire*

Esses posicionamentos de Marepe em relação ao trabalhador informal e à memória são parte de um processo de criação que não está ligado à técnica. Sua prática consiste em uma análise do mundo, de seu processo de vida, da observação e da captura de alguns acontecimentos da vida cotidiana dos habitantes de uma região, sobretudo do Recôncavo Baiano.

A crítica e curadora Lisette Lagnado (2002) comenta o vislumbrar de Marepe que imerge em um determinado cotidiano: *Seu olhar engloba origens e evoluções dos materiais físicos, formas “menores” de subsistência, truques da economia alternativa*. A captura de imagens/objetos dá-se por uma entrega ao fluxo do mundo, a uma velocidade própria.

Na observação da vida dos moradores de sua cidade, o artista encontra imagens e objetos poéticos de um universo específico, o do fazer manual. Essa absorção do mundo para Marepe não é a captura de objetos industrializados, como o *ready made*, e sim do improvisado

popular, da riqueza da “gambiarra” diversificada pelo comércio informal. O artista vê o objeto, valoriza seu contexto, adormece-o e descobre nele um impulso de captura. Diferenciado do conceito de *ready made*, os objetos de Marepe são, como ele mesmo diz, “*nécessaire*”. O nome em francês é em homenagem ao artista francês Marcel Duchamp.

4. Afeto em estado bruto

Marepe convive com o mundo usando-o como laboratório. É como se o artista, após a reprodutibilidade técnica na arte, fosse um arqueólogo de técnicas manuais, informais, reproduzíveis ao tempo que são únicas. Ele vê o potencial e as conexões do ambiente e do objeto.



Figura 2. Objeto *Trouxa V* (1995) de Marepe. Tecido e cerâmica esmaltada 13 x 26 cm. Foto: Marepe (2005).

A série *Trouxas* (Figura 2) que Marepe produziu é composta por objetos tirados de imagens do cotidiano, de um espaço onde tudo que circunda o objeto é um referencial dele próprio. *É afeto em estado bruto*, diz Lisette Lagnado (2002), e observa a memória que o artista tem das

simplicidades do cotidiano: *Há em todo o seu trabalho um “prestar atenção” aos encontros, salvaguarda de uma memória, sobretudo do “feito a mão”*. E mesmo transferindo a trouxa de seu espaço original para o espaço expositivo, o objeto não perde as conexões com seu contexto, com a roupa suja, com a roupa passada ou com o almoço do bóia-fria, o homem ou a mulher que leva seu prato de comida para o trabalho. (...) *porque olhar o objeto é entranhar-se nele*, o contexto original é muito importante, *o horizonte interior de um objeto não pode se tornar objeto sem que os objetos circundantes se tornem horizonte* (Merleau-Ponty, 1999, p. 104).

Pensando nesse potencial, mesmo que inconsciente, o artista sabe que em alguma cidade do interior pode ser visto um pacotezinho com dois pratos contendo o almoço de um trabalhador que sai de madrugada de casa e volta à noite. Na produção de Marepe não há folclorização do pobre. Seu posicionamento em relação ao papel do trabalhador informal do Terceiro Mundo dá um sentido “nobre”, de dignidade. Metaforicamente, seus trabalhos poderiam ser associados à maneira que o pintor barroco Diego Velásquez representava os bufões e pessoas simples de seu tempo.

Marepe recolhe estas imagens através de uma procura que segue o rastro do homem popular ou o seu facilitador, com o objetivo de aprender com ele os caminhos para a feitura de seu meio de trabalho. Ao falar de suas influências artísticas, Marepe cita Marcel Duchamp e Lygia Clark, e coloca, junto a estes “seres institucionalizados”, os trabalhadores que servem de foco para seus trabalhos derivados do ambiente urbano, relacionado ao mercado informal.

Conclusão

A rotina de uma cidade do interior, para muitos tediosa, é para Marepe a grande fonte de informações e análises que ele transforma em poesia visual. O artista eleva o despercebido no dia a dia em algo valoroso culturalmente, sobrepondo afeto, necessidade, importância e memória. Sua obra solicita atenção às meras informações diárias, do filtro de barro, que deixa a água potável, à pintura publicitária, nos muros privilegiados de uma cidade do interior baiano. Assim, conclui-se que Marepe é um pescador da poesia cotidiana dos fatos. •

Referências

- Lagnado, Lisette (2002). Catálogo: *Marepe*. São Paulo: Galeria Luisa Strina.
- Lagnado, Lisette (sem data). *O malaberista e a ganbiarra*. [Consult. 2009-12-07] Artigo. Disponível em <URL: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1693,1.shl>>
- Marepe (1995). *Trouxa V*. [Consult. 2009-12-20]. Fotografia. Disponível em <URL: <http://www.galerialuisastrina.com.br/artists/marepe.aspx?page=8>>
- Merleau-Ponty, Maurice (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 85-336-1033-5